

## **Alemanha-Brasil: dinâmicas transculturais e ensaios transdisciplinares. Otto Maria Carpeaux, a superação do exílio pela transculturação\***

Ligia Chiappini\*\*

### **Resumo**

*O texto trata de Otto Maria Carpeaux, no contexto de um projeto mais amplo sobre ensaístas brasileiros e europeus, que tiveram uma relação importante de vida e trabalho com a cultura de língua alemã ou com a própria Alemanha. O ensaio, gênero fundamental no Brasil e em toda América Latina, está no coração desse projeto. Para Carpeaux, como para Anatol Rosenfeld, o exílio foi a origem de uma nova vida pessoal e profissional, construída no Brasil. Ambos pertencem à geração de intelectuais de língua alemã que, fugindo ao Nacional Socialismo, ficaram na América, neste caso, no Brasil, que era ainda um país subdesenvolvido. Eles aprenderam o português e muitas outras coisas em muito pouco tempo, não apenas para conseguir sobreviver, mas também para conseguir viver e trabalhar plenamente. De certo modo, tiveram que morrer um pouco para renascer, simultaneamente iguais e diferentes.*

### **Palavras-chave**

*Carpeaux; ensaio; nazismo; exílio; literatura brasileira.*

### **Abstract**

*This paper deals with Otto Maria Carpeaux in the context of a wider project on European and Brazilian essayists who had an important relationship to the culture of the German language or to Germany itself in their lives and work. The essay, a fundamental genre for Brazil and all of Latin America, is at the heart of this project. For Carpeaux, as for Anatol Rosenfeld, exile was the origin of the new life and work that they constructed in Brazil. Both belonged to the generation of intellectuals of the German language who, fleeing from National Socialism, would stay in America, that is, in Brazil in their cases, which was then still an underdeveloped country. They learned Brazilian Portuguese and many other things in a short time, not merely in order to survive, but also to be able to live and work fully. In a certain way, they had to die a little in order to be reborn simultaneously unchanged and different.*

### **Keywords**

*Carpeaux; essay; National Socialism; exile; Brazilian literature.*

---

\* Artigo recebido em 15/03/2011.

\*\* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora aposentada pela Freie Universität Berlin.

## 1. O projeto

Este texto pretende apresentar um projeto de pesquisa-ensino, sobre ensaístas que, sendo europeus ou brasileiros, têm na vida e na obra uma relação importante com a cultura de língua alemã e com a Alemanha. O projeto é de pesquisa-ensino, porque tem seu ponto de partida em cursos pensados com essa dupla função, nos quais, ao mesmo tempo em que os estudantes estudam a obra desses ensaístas, sobre eles produzem novas fontes de informação. Nos melhores casos, até mesmo desenvolvem uma reflexão própria, ajudando a aprofundar o conhecimento disponível sobre eles e, simultaneamente, a ampliar a sua divulgação entre nós.<sup>1</sup>

O ensaio, gênero fundamental para o Brasil e toda América Latina, é o centro deste projeto. Tratam-se de ensaios que podem ser considerados, mais que interdisciplinares, transdisciplinares. Seus autores, embora centrados na literatura ou nas artes em geral, representam uma perspectiva ampla, talvez mesmo porque anterior à extrema especialização das ciências humanas no Brasil. Todos eles se valem de conceitos e perspectivas da filosofia, historiografia, antropologia, sociologia, encarando os fenômenos culturais e os produtos simbólicos como eminentemente históricos e sociais, sem deixarem de considerá-los profundamente individuais. Suas obras trazem muitos elementos para entendermos as dinâmicas transculturais, decorrentes de empréstimos e apropriações de modelos literários e teóricos, saberes e métodos que circulam entre Europa e Brasil, mais especialmente, entre Alemanha e Brasil. Por isso o projeto tem esse nome: "Alemanha-Brasil: ensaios transculturais e ensaios transdisciplinares"/"Brasilien-Deutschland: transkulturelle Dynamik und transdisziplinäre Essays".

Nossa escolha recaiu sobre alguns dos mais conhecidos e prestigiados ensaístas do século XX no Brasil. Antônio Candido foi o ponto de partida<sup>2</sup>. A antologia que

---

<sup>1</sup> O trabalho foi realizado em estreita relação com os seguintes estudantes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP: Nadia de Matos Barros, Lucas Pahl, Breno Longui e Túlio Medeiros. Da Universidade Livre de Berlim, participaram os estudantes: Pedro Reis Lima, Domitila Nascimento, José Eliomar Moreira Lima Filho, Faith Dennis, Natalia Ulrych, Bruno Alves Nunes Lacerda.

<sup>2</sup> Nascido em 1918, Antonio Candido continua vivo, lúcido e ativo, escrevendo, dando palestras e participando de manifestações em defesa dos direitos democráticos. Trata-se de um pensador consagrado como um dos mais importantes no Brasil e na América Latina, reconhecido como tal mesmo por quem o critica de modo veemente. Tendo frequentado a conceituada Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, interrompeu o curso nos últimos anos e acabou por formar-se e doutorar-se em sociologia, que lecionou por algum tempo. Porém, sua vocação de crítico literário, desde jovem atuando na crítica de rodapé, em diferentes jornais e revistas, desviou o seu caminho acadêmico para a Teoria Literária e a

elaboramos com os ensaios que julgamos oportuno divulgar em alemão<sup>3</sup> e a entrevista que gravamos com ele em DVD, para o lançamento dessa antologia em Berlim, abriu perspectivas para continuar aproximadamente com o mesmo trabalho, desta vez, com alguns ensaístas já falecidos, mas que ele conheceu e também admirou. São eles: Otto Maria Carpeaux (1900-1978), Anatol Rosenfeld (1912-1976), ambos judeus, que fugiram para o Brasil, no início da segunda guerra mundial e dos quais falaremos um pouco mais nesta oportunidade; Mário de Andrade (1893-1945)<sup>4</sup>, poeta, ficcionista e ensaísta; Sergio Buarque de Hollanda(1902-1982)<sup>5</sup>, historiador e crítico literário; Viana Moog (1906-1988)<sup>6</sup>, ficcionista e ensaísta, e Augusto Meyer (1902-1970)<sup>7</sup>, poeta e crítico literário. A esse primeiro grupo, foi posteriormente agregado Wilhelm Flusser (1920-1991)<sup>8</sup>, filósofo e crítico da cultura, cuja obra, ao contrário das demais, vem

---

Literatura Comparada, disciplinas a que se dedicou na sua carreira universitária, iniciada em Assis e desenvolvida plenamente, em São Paulo, na USP. Leitor de Auerbach, cedo concebeu a literatura brasileira como necessariamente vinculada à literatura comparada, estabelecendo as relações inevitáveis entre as tradições locais e globais. Como Auerbach, a sua força teórica está em íntima relação com a acuidade crítica, por sua vez alicerçada numa alta capacidade analítica.

<sup>3</sup> *Literatur und Gesellschaft*, org. Ligia Chiappini, trad. Marcel Vejmelka, Frankfurt am Main, Vervuert, 2005.

<sup>4</sup> Mário de Andrade tem, ao lado de sua já internacionalmente conhecida obra como escritor, uma presença marcante como pesquisador e ensaísta, com textos sobre cultura, música, folclore, literatura e artes em geral, o que foi tratado até hoje só de modo marginal. Notáveis são seus empréstimos a autores de língua alemã, tais como Freud ou Theodor Koch-Grünberg, bem como seu grande conhecimento dos expressionistas, cujas obras, em primeira edição, são hoje algumas das raridades, constantes em sua biblioteca, integrada ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

<sup>5</sup> Sérgio Buarque de Holanda é o autor da mundialmente reconhecida obra *Raízes do Brasil* (1936), publicada em alemão, como *Die Wurzeln Brasiliens*, 1995, que tem como ponto de partida Max Weber e outros cientistas sociais da Alemanha dos anos 20 do século passado, por ele incorporados na sua permanência em Berlim, no final dessa década. Outro trabalho notável é a análise histórica da conquista e colonização do território brasileiro portugueses, *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil* (1958). Seus ensaios sobre literatura foram republicados postumamente em dois volumes, sob o título de *O espírito e a letra. Estudos de crítica literária* (org. e notas de Antonio Arnoni Prado, São Paulo, Cia. Das Letras, 1996). Também como livro póstumo, organizado e anotado por Antonio Candido, a partir de notas dispersas, escritas ao longo da vida, o monumental *Capítulos de literatura colonial*, São Paulo, ed. Brasiliense, 1991.

<sup>6</sup> Escritor, advogado e ensaísta, Viana Moog é descendente de alemães da colônia de São Leopoldo. Participou do grupo de Getúlio Vargas, com o qual rompeu dois anos depois da revolução de 30, sendo, em consequência, preso e deportado para a Amazônia. Depois de quatro anos, de volta ao Rio Grande do Sul, acabou tendo importantes cargos políticos, entre eles, o de representante do Brasil na UEA (OAS) e na ONU (UNO). Como escritor, tematizou o choque cultural entre brasileiros e alemães nos anos 30 e 40 e nos seus ensaios tentou compreender e mapear a multiplicidade cultural do Brasil, bem como captar algumas especificidades da História desse País, em comparação com a História dos Estados Unidos.

<sup>7</sup> Augusto Meyer, também descendente de imigrantes alemães, era poeta, ensaísta, tradutor e crítico literário no sul do Brasil, onde pertenceu ao grupo modernista dos anos 20 do século passado. Sua obra de crítica literária se move na tensão entre a literatura regional e brasileira, por um lado, desta e a literatura mundial, ou pelo menos, ocidental, por outro. É também tradutor do alemão para o português, entre outros, de Ernst Robert Curtius. Entre suas impressões de viagem, destacam-se os textos dedicados à Alemanha, sobretudo ao tempo em que viveu em Hamburgo (1954) e lecionou aí, na Universidade.

<sup>8</sup> Wilhelm Flusser, filho de intelectuais judeus da Tchecoslováquia, estudou Filosofia em Praga e em Londres. Interrompeu seus estudos em plena guerra, depois de perder quase toda a família nos campos de

sendo cada vez mais estudada e reconhecida tanto no Brasil quanto na Alemanha.<sup>9</sup> Todos eles são muito conhecidos e reconhecidos no Brasil, mas sua presença fora do País é, com exceção de Flusser, ainda quase nula. Entretanto, a experiência humana e intelectual desses autores permite entender aspectos interessantes e atuais das transferências e apropriações de saberes, modos de olhar, sentir e viver, entre a Europa e o Brasil, mais especialmente, entre a Alemanha e o Brasil.

O trabalho consiste basicamente em localizar, ler, discutir, selecionar alguns ensaios e dados biobibliográficos, de e sobre esses autores, organizando antologias e produzindo textos introdutórios que os apresentem a potenciais interessados na Alemanha e, até mesmo, no Brasil, onde reaparecerão sob uma perspectiva nova, de outro tempo-espaço.<sup>10</sup> Além dos ensaios e de uma breve apresentação, as antologias deverão ser acompanhadas de notas críticas, que procurem esclarecer o método de cada um, com atenção especial ao modo com que se servem de teorias, idéias e conceitos, para tratar dos objetos que escolhem, sendo a escolha ela própria e seus critérios um importante elemento da análise.

Para elaborar essa reflexão produzimos e estamos ainda produzindo uma bibliografia viva e atualíssima, por meio da preparação e realização de entrevistas em vídeo com estudiosos desses autores, a maioria deles sendo também já consagrados mestres.<sup>11</sup> Todas as entrevistas estão sendo disponibilizadas, com a autorização dos entrevistados, na página da *Brasilianistik*.<sup>12</sup>

---

concentração da Alemanha. Em 1942 emigrou para o Brasil com a mulher, fixando-se em São Paulo. Oito anos depois, naturalizou-se brasileiro. Nos anos 50, trabalhou como jornalista e professor de filosofia e, na década seguinte, já mais conhecido, passou a lecionar Filosofia da Ciência, na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, bem como Filosofia da Comunicação no EAD. Continuando a fazer crítica literária e cultural no jornal *O Estado de São Paulo*. Com a ditadura militar, seu entusiasmo pelo Brasil sofreu um golpe grande e, em 1972 resolveu voltar à Europa, vindo a morrer de acidente de automóvel em viagem para a República Checa.

<sup>9</sup> Lateralmente, reunimos também algum material sobre Milton Santos, além de entrevistar o jornalista e professor, e biógrafo autorizado do grande geógrafo brasileiro. Formado em direito, foi professor na Universidade da Bahia, onde nasceu, até o exílio, provocado pela ditadura, quando viveu e trabalhou em diferentes países da Europa, nos Estados Unidos, Canadá, Venezuela, Peru e Tanzânia. No final dos anos 70 voltou ao Brasil. Foi professor na Universidade de São Paulo, onde fez muitos discípulos. Sua obra mereceu inúmeros prêmios, entre eles o prestigiado prêmio internacional de geografia Vautrin Lud, em Paris, no ano de 1994.

<sup>10</sup> Concebidas como projeto piloto, essas antologias estão sendo divulgadas de modo restrito, ainda pelo sistema intranet. Mais tarde, quando o trabalho estiver consolidado, pode-se pensar em publicar alguns dos resultados, seja num portal de acesso aberto, seja em livro. Como projeto editorial, pensamos prosseguir com uma antologia conjunta, de Carpeaux e Anatol em língua alemã.

<sup>11</sup> Até agora, além da citada entrevista com Fernando Conceição sobre Milton Santos, reunimos os seguintes testemunhos sobre os seguintes ensaístas: Albert von Brunn, estudioso suíço de literatura brasileira, expôs a pesquisa que fez sobre Otto Maria Carpeaux e respondeu, de modo instigante, diversas questões que lhe propusemos. Alfredo Bosi, crítico, professor e historiador da literatura, também falou

Para apresentar aqui, escolhemos Otto Maria Carpeaux. O exílio para ele, como para Anatol Rosenfeld, está na origem da nova vida e da obra também nova que construíram no Brasil. Ambos pertencem à geração de intelectuais de língua alemã que, fugindo do nacional-socialismo, foram parar na América, nesses dois casos, no Brasil, um País ainda subdesenvolvido. Aí aprenderam o português brasileiro e outras tantas coisas mais em pouco tempo, para poderem não apenas sobreviver, mas viver e trabalhar plenamente. De certa maneira, tiveram que morrer um pouco para renascer, simultaneamente iguais e diferentes.

Apresento a seguir algumas informações e reflexões sobre Otto Maria Carpeaux, remetendo ao texto de Marcel Vejmelka, que olabora nesse projeto desde o seu início, no que se refere a Anatol Rosenfeld<sup>13</sup>.

### **Otto Maria Carpeaux**

Originalmente, chamava-se Otto Karpfen o judeu austríaco que, convertido ao catolicismo, em uma pouco esclarecida crise, experimentada em 1930, quando ainda morava em Viena, passou a chamar-se Otto Maria Karpfen. Tendo terminado seus estudos, trabalhou nessa cidade como jornalista e crítico militante, até o momento em que foi obrigado a exilar-se, com a chegada das tropas alemãs. Depois de uma curta temporada na Bélgica, conseguiu, com ajuda da Igreja católica, partir ao Brasil. E lá renasceu com nome de Otto Maria Carpeaux.

---

sobre Otto Maria Carpeaux, de quem se diz discípulo, contribuindo sobremaneira para entendermos a sua obra; Roberto Schwarz, discorreu sobre Anatol Rosenfeld, por quem reconheceu ter sido muito influenciado. Esses depoimentos sobre os dois ensaístas de língua alemã foram complementados por Boris Schneidermann, professor, crítico e tradutor, especializado em literatura russa, e por Jacó Guinsburg, crítico, ensaísta, editor e professor. Walnice Nogueira Galvão falou sobre Sergio Buarque de Hollanda e, em um diálogo com Ligia Chiappini, sobre Antônio Candido. Sobre este também falou Flávio Aguiar, prof. de Literatura Brasileira, aposentado da Universidade de São Paulo e jornalista, atualmente residindo em Berlim. Telê Porto Ancona Lopes, pesquisadora do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, falou sobre Mário de Andrade, como crítico literário. Donald Schüller, Regina Zilbermann, professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Carlos Baumgarten, professor da Universidade de Rio Grande, no mesmo Estado sulino, falaram sobre Augusto Meyer. Finalmente, com Antonio Candido foram feitas duas entrevistas, uma, lançada em DVD com a antologia publicada em alemão, já referida, e agora também acessível online, na página da *Brasilianistik* do LAI-FU. Aí ele fala sobre si-mesmo e sobre sua própria obra. Em outra, mais recente, ainda não publicada, fala sobre quatro ensaístas deste projeto, os quais conheceu pessoalmente e com os quais conviveu de modo mais ou menos íntimo: Otto Maria Carpeaux, Anatol Rosenfeld, Sergio Buarque de Hollanda e Augusto Meyer. Com 90 anos, é Antonio Candido o único dos ensaístas escolhidos que está vivo e lúcido, tendo nos recebido com muito boa vontade, apesar de andar arisco de entrevistas.

<sup>12</sup> Ver algumas delas já acessíveis por meio do link:

[http://www.lai.fu-berlin.de/forschung/forschungsprojekte/aktuelle\\_projekte/brasilianischeintellektuelle/index.html](http://www.lai.fu-berlin.de/forschung/forschungsprojekte/aktuelle_projekte/brasilianischeintellektuelle/index.html)

<sup>13</sup> Vejmelka, Marcel (2007).

Pouco se sabe sobre sua infância e juventude na Áustria. Mas sabe-se que provinha de uma família de posses, falida com a inflação de 1921. Sabe-se também que teve uma formação ampla e eclética, em várias cidades européias, estudando “filosofia, em Viena, matemática em Leipzig, filosofia e sociologia, em Paris, literatura comparada em Neapel e Politologia em Berlim”<sup>14</sup>. Acabou doutorando-se em química, mas não exerceu a profissão, já mordido pela mosca do jornalismo militante, que começou a praticar ainda na Viena dos anos 1920. Dessa época data a descoberta que fez de Kafka, sobre a qual se conta uma pequena anedota que realça seu pioneirismo crítico. Em uma de suas viagens a Berlim, encontra um editor que, para pagar o que lhe deve por serviços prestados, permite que leve grátis nada mais nada menos do que *O processo*, em sua primeira edição, sem saber que estava ofertando a obra-prima de um grande escritor. Poucos anos depois, Carpeaux se engajava na luta contra a anexação da Áustria por Hitler, o que lhe valeria o exílio. O livro de Kafka, que hoje faz parte do acervo da biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, foi um dos poucos que atravessou o oceano com o ensaísta, que seria o primeiro grande divulgador do escritor checo no novo País.

Ao contrário de Anatol Rosenfeld, que seguiu a rota dos imigrantes pobres, destinados à agricultura, para entrar no Brasil, Carpeaux utilizou os canais da elite católica. Entre outras coisas, levava uma carta do papa, recomendando-o a Alceu Amoroso Lima (1893-1993), crítico brasileiro famoso, um dos fundadores do movimento democrata cristão brasileiro.

Sua integração cultural e social foi rápida. Em pouco tempo aprendeu o português e fez amizade com os intelectuais mais importantes da época. Um deles, o crítico Álvaro Lins, ajudou-o a encontrar trabalho no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. Aí Carpeaux apresentou Kafka aos brasileiros, escrevendo em 1941 um artigo pioneiro. Escreveu copiosamente e, em 44, naturalizou-se brasileiro.

Mas, embora tenha conseguido seu visto por influências poderosas e tenha recebido auxílio de seus pares, Otto Maria Carpeaux teve que enfrentar muitas dificuldades para sobreviver. No início, apelou mesmo para a venda, aos chamados sebos, dos poucos livros que havia conseguido levar consigo, pois sua vasta biblioteca havia ficado para trás na precipitada fuga. Segundo Antônio Candido, uma vez tendo conseguido melhorar um pouco sua situação, ele teria comprado de volta alguns dos livros vendidos, mas, ainda segundo Antônio Candido, que o visitou no final da década

---

<sup>14</sup> Albert von Brunn (1999), p. 834.

de 40, nunca mais sua biblioteca se reconstituiu, pois o pouco que ganhava devia investir em obras de referência.

Como Stefan Zweig, que se queixava da pobreza das bibliotecas brasileiras na época, principalmente no que transcendesse a cultura francesa, muito presente aí, Carpeaux também teria sofrido, como sustenta Alberto von Brunn na entrevista citada anteriormente, o peso dessa escassez. Mas, como ele também assinala na mesma ocasião, essa escassez de livros era largamente compensada pela grande memória do ensaísta, treinada numa formação ampla, rigorosa e diversificada.

Com isso ele pode, mesmo depois de duas guerras fatais e de uma profunda crise, como seus companheiros de geração, que tiveram que se exilar para sobreviver ao Nazismo, salvar algo da grande perda cultural que este acarretou, enriquecendo a própria herança, ao incorporá-la às culturas com que se confrontaram em outras partes do mundo.

A passagem de uma infância dourada, à vida modesta de jornalista, já em Viena, de certa forma havia preparado Carpeaux para essa espécie de segunda conversão, ao subdesenvolvimento. E para viver um outro cosmopolitismo, senão do pobre, do remediado, o que se lhe permitiu ser mais criativo, menos preconceituoso e até mesmo, em certos momentos, profético, também o condenou ao quase anonimato para além das fronteiras brasileiras. É o que pensa, por exemplo, J.C. Guimarães<sup>15</sup>, para quem o fato de ter ido para o Brasil e não para os Estados Unidos, como o fizeram outros escritores do grupo judaico exilado na América, teria selado essa espécie de condenação ao desconhecimento no primeiro mundo, independente do valor de sua obra.

No caso de Carpeaux, trata-se de uma obra notável tanto qualitativa quanto quantitativamente. Um projeto ambicioso de sua publicação exaustiva está em curso desde 1999 pela editora Topbooks, juntamente com a UniverCidade Editora. Trata-se da obra completa a ser reunida em 10 volumes. No primeiro, *Ensaaios reunidos I*, com mais de 900 páginas, estão os seis livros que Carpeaux publicou de 1942 a 1978,

---

<sup>15</sup> In: “O destino de Otto Maria Carpeux. In: [www.revistabula.com/materia/o-destino-de-otto-maria-carpeaux](http://www.revistabula.com/materia/o-destino-de-otto-maria-carpeaux). 11.12.08, consultado em 10.10.2008. Há um equívoco, que é preciso corrigir, nesse interessante artigo, no que diz respeito aos textos de Carpeaux em alemão. O autor diz que o único texto do ensaísta nessa língua seria “A missão européia da Áustria”, escrito em 1941 e dedicado ao chanceler austríaco Engelbert Dolfuss. Mas a essa altura já contamos com o “Dialektik der brasilianischen Literatur”, traduzido do francês e publicado em *Brasilien Heute*, Athenaeum Verlag, 1971, a partir da edição francesa da revista *Temps Modernes*, número organizado por Celso Furtado em 1967. E com Izabel Furtado Kestler: *Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien*. Frankfurt am Main: Lang 1992

desde *A cinza do Purgatório*, de 1942, com seus primeiros ensaios brasileiros, até *Livros na mesa*, de 1978. Os volumes II e III são dedicados aos ensaios dispersos, o volume IV, às obras históricas breves. Nos V e VI, aparecerão os ensaios políticos e do VII ao X, a monumental *História da literatura ocidental*.

O citado J.C. Guimarães, refere Olavo de Carvalho, que, por ocasião do lançamento do primeiro volume dos *Ensaio Reunidos*, diz:

A contribuição de Carpeaux ao acervo nacional não residiu naquilo que trouxe de fora para nós, mas naquilo que, desde o Brasil, ele deu à cultura do mundo, ajudando a elevar o nosso país da condição de importador passivo e discípulo beato à de criador e mestre. (GUIMARÃES, 2008, p.6).

Todos que falam de Carpeaux consideram-no uma espécie de herói civilizador, por ter revelado autores, obras, idéias, desconhecidas no Brasil do tempo. Todos referem com admiração o introdutor de Kafka no Brasil. Para alguns, como Alfredo Bosi ou como Olavo de Carvalho, organizador dos *Ensaio Reunidos*, o papel de Carpeaux vai além do grande divulgador, erudito e polêmico. Para este último, a maior parte das pessoas apenas reconheceu nele as qualidades mais evidentes e exteriores, como a grande erudição. Mas poucos teriam entendido sua visão universal.

De fato, se numa primeira fase, ele foi sobretudo um divulgador de grandes escritores europeus<sup>16</sup>, em pouco tempo passou a comentar textos de escritores brasileiros, sobretudo do século XX, vindo a consolidar-se mesmo como uma referência importante para a própria crítica nacional e transformando-se aos poucos em um verdadeiro mestre para muitos jovens, como enfatiza Bosi em seu depoimento.

Os textos em que discute o problema da *Historia Literária* tocam também questões muito atuais, entre elas principalmente o difícil problema de como associar a história dos estilos e das formas aos processos históricos locais, nacionais, e globais.

A *História da Literatura Ocidental* é lida por Alfredo Bosi como uma nova proposta de articular texto e contexto, combinando o culturalismo de Dilthey com o olhar dialético hegeliano-marxista. Os textos são analisados em tensão com a ideologia ou estilo dominantes e não como puro reflexo. Haveria nesse livro, ainda segundo Bosi, que diz ter bebido aí algumas lições metodológicas fundamentais para conceber a sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, muita riqueza a explorar.

---

<sup>16</sup> Entre os Autores que apresentou constavam, segundo Alfredo Bosi: Dostoiévski, Gógol, Kafka, Pirandello, Joyce, Vico, Marx, Croce, Weber, além de compositores, como Bach Carl Orff e de pintores, como Van Dyck, El Greco, Utrillo.



Já Antônio Candido a considera apenas um “admirável esforço de síntese”, e a sua obra de ensaísta como sendo mais informativa que analítica. Jacó Guinsburg insinua a diferença entre Anatol e Carpeaux quase nos mesmos termos, quando diz que aquele não trabalhava com fichas, sem dizer, mas insinuando, que Carpeaux o faria. Isso combina com a observação um tanto restritiva de Candido sobre a biblioteca grande, mas de obras de referência, embora reconheça a necessidade disso para escrever a *História da literatura ocidental*, porque, como justifica compreensivamente, “ninguém pode saber tudo”.

Boris Schneidermann, aponta o detalhe interessante de que Carpeaux já chegou mais formado do que Anatol, que, mais moço, teria completado sua formação no Brasil. Também nos chama a atenção para o conhecimento que Carpeaux tinha da língua russa, que não falava mas lia com competência e interesse. Ainda quanto à capacidade linguística, como os demais entrevistados, ressalta o grande feito de Carpeaux aprender o português já com mais de 40 anos e de integrar-se tão profundamente na nova vida nessa língua em tão pouco tempo, tornando-se, “um escritor brasileiro”.

Nossos entrevistados se referem a ele como um homem simpático, mas com um problema que dificultava a comunicação, uma espécie de gagueira, responsável pela súbita crispção da voz, que travava e recomeçava bruscamente. Para alguns, ele era um homem um tanto enigmático, constituindo um enigma tanto sua conversão ao cristianismo, nos anos 20, quanto seu engajamento em movimentos da esquerda radical na época da ditadura brasileira dos anos 60. Há depoimentos referidos por nossos entrevistados, como um de Antonio Callado, sobre a função de "passa-passa" que ele teria exercido junto ao grupo de Marighela e outros, bem como sua atuação na imprensa alternativa dos anos de chumbo, pelo que chegou a ser preso e quase expulso do País.

A última fase da vida de Carpeaux, ligada à resistência de esquerda à ditadura militar, revela também um conhecedor e divulgador de Gramsci no Brasil. Como lembra Lincoln Secco, a *História da literatura ocidental* traz valiosas indicações bibliográficas para o melhor conhecimento do pensador italiano, e seu historicismo dialético também se inspiraria na obra deste. O mesmo autor comenta as referências a Gramsci, feitas por Carpeaux, neste texto e em outros, como sendo uma raridade, entre os intelectuais, já que, nos anos 60, a vida de Gramsci e sua importância seriam muito mais conhecidas através de jornais e revistas do Partido Comunista Italiano, que chegavam ao Brasil. Já nos anos 40, supõe ele que Carpeaux tivesse conhecimento da

importância desse autor, como conhecedor de Benedetto Croce, “o maior interlocutor de Gramsci”. Refere ainda um artigo, publicado por Carpeaux em 1964, “enfocando o “memorial de Yalta”, de Togliatti e, principalmente, Gramsci e sua carta ao Comitê Central do PCUS de 1926, em que este pede para que não se sufoque a oposição de esquerda interna de Trotski, Zinoviev e Kamenev”.<sup>17</sup> E outro, de 1969, intitulado “A vida de Gramsci”, em que “embora ainda permanecesse na exaltação moral” dessa vida, traria “significativos apontamentos para desenvolvimentos posteriores ainda hoje não realizados no Brasil, como a do universalismo da sua resistência não-passiva e nem fatalista à ditadura, a alienação da *intelligentsia* cosmopolita, a necessidade de sua reconstrução em bases nacionais e a correspondência da análise gramsciana da ‘questione meridionale’ ao problema do Nordeste brasileiro.”<sup>18</sup>

## 2.1 A obra e as pérolas

Em uma obra assim profusa, aumentam as dificuldades para escolher e identificar os ensaios que tenham mais a dizer para nós aqui e agora. No entanto, como sugeriu-nos Albert von Brunn, há aí pérolas para catar, ou seja, textos com ressonância em nosso tempo. Sendo homem dos anos 30, ainda nos diz algo? O quê e onde? Que nuances ou especificidades, quê Carpeaux escolher e em quê contexto? Como trazê-lo de volta à Europa, euro-abrasileirado?

Um caminho pode estar na retomada do seu conceito de tradição, fazendo-o valer para sua própria obra. Esse conceito está aí disseminado, como um conceito-chave tanto para o historiador quanto para o crítico. Mas aparece mais diretamente trabalhado no ensaio intitulado “Tradução e tradicionalismo”<sup>19</sup>, no qual defende uma visão ativa da tradição sem tradicionalismos, mas também sem o culto da novidade por ela mesma. As citações abaixo podem dar uma idéia da profundidade do texto e da sua atualidade, sobretudo se se pensa que quem escreve tem a autoridade de quem presenciou de perto a destruição do Humanismo na Era de Hitler. Tratam-se, portanto, de afirmações e preocupações de um homem que perdeu muito, representante de uma geração que

---

<sup>17</sup>“A pré-história de Gramsci no Brasil (1927-1974),  
in: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/content/download/1302/6556/file/08nor32.pdf>. Acesso em 10.10.08

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Carpeaux, Ensaios Reunidos I, p. 199.

perdeu muito de suas tradições e que precisa buscar o que vale a pena salvar e como salvar. Carpeaux está consciente dessa tarefa e a enfrenta diretamente:

A perda das tradições é o sinal do nosso tempo. O reverso é a florescência dos tradicionalismos de toda ordem. (...) Nossas perdas são bem nossas. É preciso suportá-las e meditá-las, por nossa própria conta (p. 199).

O texto começa por enumerar o que não seria a verdadeira tradição, ou pela tradição que recusa como não sendo a sua. A essa tradição, recusada como moribunda e estática, opõe a tradição viva que escolhe por ter a ver com seu tempo e com o futuro que deseja promover, sendo o importante a continuidade que se dá por essa escolha.

“... a continuidade é essencial à tradição” (p.201). Contrária a essa, a definição que escolhe me parece atualíssima. Tradição é escolha e tática: a tática de conservar a continuidade do mundo. Isso significa concebê-la como alta pedagogia, a grande pedagogia, não a escolar, sobre a qual o autor é muito cético. O caráter pedagógico da tradição implicaria em transmitir a experiência do passado, garantindo a continuidade às novas gerações. A definição final que sintetiza é:

A tradição é, portanto, uma tática pedagógica e nos ensina a guardar a continuidade em relação às experiências do passado, e a escolher as experiências que nos servem para reconhecer o durável dentro do instável em nosso curto momento de vida (p.203).

Escolha é um conceito chave em Carpeaux. Como a tradição, o estilo também é entendido como escolha:

Escolha de palavras, escolha de construções sintáticas, escolha de ritmos dos fatos, escolha dos próprios fatos, para conseguir uma composição perfeitamente pessoal. (...) Estilo é escolha entre o que deve ficar na página escrita e o que deve ser omitido; entre o que deve perecer o que deve sobreviver (p.237).

A obsessão pela escolha tem provavelmente a ver com a profissão de crítico de rodapé, que, como diz Antônio Candido na sua entrevista, é uma profissão de alto risco. Se escolhe mal, a reputação do crítico se compromete e, com ela, seu emprego, sua carreira.

Carpeaux enfrentou esse risco galhardamente, ao sustentar, antes de todos, o valor de alguns autores e algumas obras, consideradas de mau gosto ou mal escritas, pelos melhores representantes da crítica brasileira. Essa perspectiva ampla favorece a superação tanto dos preconceitos brasileiros quanto europeus da época, o que permite a

Carpeux valorizar o barroco das igrejas mineiras, as obras do Aleijadinho, a linguagem híbrida de Juó Bananere ou a poesia de Augusto dos Anjos.

O que escolher em Carpeaux e por que ler Carpeaux ainda hoje é uma pergunta que se impõe e que Alfredo Bosi responde concisa e enfaticamente, enumerando alguns itens que podem interessar aos jovens leitores:

1. Ampla erudição. Informação abundante e idônea;
2. Arte da interpretação, alicerçada em um método histórico-estilístico dialetizado;
3. Sentido agudo de crítica social em perspectiva democrática, anti-capitalista e cada vez mais anti-imperialista.

Sua singularidade no âmbito da crítica e da historiografia literária consistiria para Bosi e muitos outros, em ter "transcendido a cultura brasileira para lhe acessar as águas profundas da tradição ocidental". Carpeaux representaria "um divisor de águas entre modos menores de ler, e, não raro, provincianos e uma consciência crítica poderosa da literatura como sistema enraizado na vida e na história da sociedade. Consciência poderosa porque encarna uma pedagogia, uma concepção, um método. Detalhando esse método, Bosi diz ainda que o próprio Carpeaux o definia como sendo estilístico-histórico, o que significa: aderência ao texto, sondagem do estilo e da perspectiva, atenção ao contexto social com o qual o escritor interage dialeticamente, tratamento das relações entre texto e contexto sem o unilateralismo de muitos sociólogos e historiadores, reconhecendo a tensão entre o poeta e o seu mundo, para além do reflexo ou espelho do social. Há que perceber a atualidade disso, que pode ser até fácil de formular, mas é muito difícil de fazer.

Como exemplar do funcionamento desse método, Bosi destaca a análise que Carpeaux faz da poesia de Carlos Drummond de Andrade, como a de um poeta de tensão máxima entre lirismo e engajamento social, numa adaptação criativa das teses de Adorno, sobre lírica e sociedade. Salienta-se aí o papel conferido ao humor, como desestabilizador de qualquer visão psicológica ou política unilaterais, nessa poesia, lida como, ao mesmo tempo, profundamente lírica e radicalmente social.

Esta última idéia, por sua vez, nos leva a dois textos que queremos comentar brevemente, para terminar, como indicadores de algumas formulações que podemos considerar, nos termos de Brunn, algumas "pérolas", sobretudo nestes tempos de demonização da chamada literatura de elite e ocidental.

## 2.2 O leitor e o valor

Se a tradição viva é pedagogia e tática, há que preocupar-se com o leitor. E aqui duas curtas resenhas constróem o eixo de uma reflexão ao mesmo tempo teórica e política. A primeira resenha a destacar é a do livro de Richard Hoggart, *The uses of Literacy*, título traduzido por Carpeaux como “O uso que os alfabetizados fazem da sua capacidade de ler” (*Ensaio reunidos* I p. 758). O texto comenta as mudanças dos últimos 30 ou 40 anos na cultura, entendida no sentido amplo, causadas pela *mass culture*, com a presença massiva de novelas populares, difundidas em revistas ou vendidas em bancas e estações. Evitando cair na demonização simples da cultura de massa, como fizeram muitos conservadores ou liberais, reacionários ou marxistas, Carpeaux lê aí a identificação de “um materialismo virtuoso que não corrompe mas afrouxa a alma”. Reconhece que Hoggart tampouco a acusa, tendo como principal objetivo colocar o dedo nos problemas educacionais, de alfabetização de boa qualidade para todos. E lhe interessa o fato de que estudar essa literatura comercial “Leva o autor a surpreendentes conclusões sobre a literatura propriamente dita” (p. 759).

Interessa-lhe sobretudo o que chama de “nova situação espiritual que a literatura de massas ao mesmo tempo cria e capta, com a fragmentação e simplificação da linguagem, reconhecendo o esforço que os autores fazem para divertir e distrair leitores que não conseguem mais se concentrar, lendo na diagonal, sem tempo para compreender bem. Diz ele: “Os autores são conscientes disso. Escrevem de tal modo que não é necessário compreender bem, mas basta adivinhar (...). Escrever assim não é fácil.” Hoggart prestaria, assim, sincera homenagem ao talento e à habilidade desses autores comerciais. Mas sem disfarçar a falta evidente de profundidade no que escrevem.

Para Carpeaux, interessante é também constatar como uma novela de gângster pode assemelhar-se a trechos de Hemingway e como podem haver semelhanças entre obras de literatura comercial e aquelas de Aldous Huxley, Somerset Maugham, Alec Waugh ou Henry Green (p. 761). Ou, ainda, como alguns autores, feito Graham Greene, sentem-se bem dos dois lados dessa fronteira incerta.

A grande literatura, nota Carpeaux, historicamente teve poucos leitores. No início do século XIX, por exemplo, Goethe e Schiller conviviam com uma população de 80% de analfabetos. O novo ocorre agora quando todos sabem ler (naturalmente, na Inglaterra de Hoggart) e diminui sensivelmente o nível do que se lê. Esse seria o

ambiente em que escreveriam os escritores. A preocupação de Carpeaux também aqui é pedagógica, mas no sentido político que pensa a educação para a cidadania, relativizando a importância do que só a elite lê ou aprecia, sem contudo mitificar o que o resto das pessoas lê ou aprecia. Ao contrário, reconhecendo limitações na oferta do mercado à maioria dos alfabetizados, convida-nos indiretamente a lutar pelo acesso ao melhor para todos. Problema atualíssimo.

A resenha ao livro de J.A. Richards, *Crítica Prática*, no texto intitulado “Poesia e ideologia”, permite passar ao outro polo dos leitores de modo igualmente dialético e problemático. Para Alfredo Bosi, esse é o primeiro ensaio dialético de Teoria Literária escrito no Brasil, destacando-se aí, como em outros textos do crítico, a concisão do método, “a busca do perene no que passa e do datado no que fica”, numa crítica, ao mesmo tempo, fenomenológica e social.

Os leitores letrados seriam, aparentemente, mais exigentes e mais bem preparados para a leitura da alta poesia, mas essa premissa é colocada abaixo pelo experimento famoso que Richards relata aí, uma experiência feita com 60 pessoas por meio de uma entrevista, a propósito da leitura de 13 poemas escolhidos sem nome do autor, que deveriam ser comentados por esses leitores, todos eles, como diz Carpeaux, com certo nível de educação: estudantes universitários, médicos, advogados, juízes, professores de língua e literatura inglesa, escritores e até mesmo críticos literários. Os 13 poemas ingleses, pertenciam a autores consagrados e a outros desconhecidos que publicavam em revistas de entretenimento. A conclusão a que chega Richards, ao analisar as respostas, é que a maioria não sabia construir as frases nem reconhecer o sentido lógico; ou liam só com sentimento ou sem sentimento algum, apresentando uma falta de capacidade de ler metáforas, e alguns reivindicando mesmo uma linguagem mais direta dos poetas. O diagnóstico do pesquisador é de que as respostas dos leitores se dá a partir do que ele denominou *stock responses*, isto é, um conjunto de expectativas e idéias pré-concebidas, de estilos e valores dominantes.

Mas Carpeaux não condena esses leitores, pois sabe que as dificuldades da poesia vêm mais das dificuldades do mundo que da sua evolução interna autônoma: “O que mudou, tornando-se mais artificial, não foi propriamente a poesia, mas o mundo” (p. 279)

O mais interessante é que, ao refletir sobre a dificuldade de ler poesia e a tensão desta com a ideologia, ele recupera o conceito da poesia pública, que teria se perdido

depois do romantismo, abrindo-se a possibilidade de reconquistá-la a partir do modernismo. Assim, a evolução da poesia, do romantismo ao supra-realismo, imposta de fora e não “autônoma, como costuma ser vista”, implicaria na perda da sua função pública (p. 279). Hugo teria sido um poeta público. Já Baudelaire assinalaria o seu isolamento. O Parnasianismo e o Simbolismo teriam adotado essa oposição, mas a segunda metade do século XX estaria apontando para a recuperação progressiva desse caráter público.

Lendo isso, podemos pensar que muito do que hoje se produz, do rap à canção popular, onde a música se alia, pelo menos desde Vinicius de Moraes, no caso brasileiro, à melhor poesia, parece ir nessa direção, de uma democratização sem baixar o nível. Pérolas, não aos poucos, mas aos muitos.<sup>20</sup>

Concordando com Richards, Carpeaux observa que respondemos à poesia do século XX com nossas *stock responses* de leitores do século XIX: “A poesia moderna é incompreensível”, significa na boca dos leitores: não é como a poesia romântica, não tem, para nós outros, função pública (p. 279). As ideologias estéticas seriam opostas à compreensão da poesia, que é vista como a suprema ordem das palavras, que nossa atitude caótica não permite compreender. Penetrar. E essa resistência não seria nem só intelectual nem puramente de ordem emocional. Por isso a educação teria pouco resultado, e Carpeaux é mais cético do que Richards sobre a possibilidade de uma solução pela escola. Ou, pelo menos, pela pedagogia escolar tradicional, poderíamos dizer. Haveria que pensar em uma outra pedagogia, que conseguisse desenvolver mecanismos para desbloquear nossas “inibições em face da poesia”. Por exemplo, a inibição dos sentimentos. Carpeaux nos chama atenção para o fato de que chorar em público na sua época já era feio, mas que, no século 18, não era. A emoção foi sendo reservada ao domínio da vida privada e, como a poesia, deixa de ser pública.

Carpeaux é suficientemente dialético para entender até a necessidade das *stock responses* e não condená-las indiscriminadamente, porque elas se constituem, em nós, como resíduos do fundo poético da humanidade e se estes faltassem completamente, “nenhuma poesia, velha ou moderna, encontraria eco em nosso espírito.” Porém reconhece que esses resíduos trazem consigo a petrificação e a estandardização,

---

<sup>20</sup> Alusão ao título de uma canção de José Miguel Wisnik, que, por sua vez, parodia a expressão elitista: “pérolas aos porcos”, onde se lê um profundo desprezo pelas massas populares.

enquanto que a verdadeira poesia seria contrária à paralisia das ideologias e caminho para a divindade. Travessia, como diria Guimarães Rosa.

### **Conclusão**

Como transculturador, Carpeaux preocupou-se em apresentar aos brasileiros o que de melhor escolheu da literatura européia e em selecionar o que havia de melhor a divulgar da Literatura brasileira, para um público estrangeiro, querendo contribuir tanto para a ampliação do repertório no Brasil, como para a superação do desprezo pela literatura brasileira, ignorada no exterior. E estava consciente da dificuldade de explicá-la a quem não tem a menor idéia do que ela seja. Com esse problema nos identificamos necessariamente todos os que trabalham com essa literatura na Alemanha. Como ensinar literatura brasileira fora do Brasil? Como apresentar aos estrangeiros um Mário de Andrade, um Guimarães Rosa, mas também um João Simões Lopes Neto ou uma Rachel de Queiroz? E, indo além dos leitores letrados, como apresentá-la aos leitores semi-letrados de dentro e de fora do País? Como dar-lhes acesso ao que de melhor se produziu na literatura e nas artes consideradas privilégio das elites? Que pedagogia e para qual tradição? O que escolher e como transmitir, ou seja, que tradição para qual pedagogia?

Carpeaux não nos dá uma resposta direta. Ao contrário, parece negar a importância da literatura em geral, ao propor um enigma no final da vida. Ou seja, em tempo de ditadura e de ruína das tradições, mais uma vez, como que repetindo a história de horror da qual havia fugido há mais de 40 anos, nos surpreende ao declarar que seu interesse agora está longe da literatura. A declaração soa como um abandono da atividade que exerceu toda a sua vida, para dedicar-se a atividades mais urgentes e práticas. Mas Alfredo Bosi nos convida a interpretar criativamente esse enigma, que também prefiro entender não como uma recusa da literatura, mas como um novo desafio à recuperação do caráter público da literatura e da própria crítica. Uma retomada da tradição do crítico militante e da função pedagógico-política que, perdida na imprensa, ameaça perder-se também na Universidade, porque esta vem se privatizando. Contra o extremo pragmatismo dessa Universidade e a extrema banalização do conhecimento num mundo onde imperam as meras atitudes, Carpeaux nos inspira a vontade (e a obrigação) de continuar escolhendo e avaliando, de preferência, atentos ao avesso e direito das obras, das idéias e dos valores.



## Referências

- BOSI, Alfredo. “Relendo Carpeaux”. In: CARPEAUX, Otto Maria: *Sobre Letras e Artes*. São Paulo: Nova Alexandria, 1992, p. 9-14.
- \_\_\_\_\_. “Carpeaux e a dignidade das Letras”. In: *Céu, Infemo*. Ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: 1988, p. 167-169.
- BRUNN, Albert von. “Otto Maria Carpeaux: eine kafkaeske Flucht aus Europa”. In: GROBE, Sybille; SCHÖNBERGER, Axel (Org.). *Dulce et decorum est philologiam colere*: Festschrift für Dietrich Briesemeister zu seinem 65. Geburtstag. Berlin: DEE, 1999, p. 833-845.
- CANDIDO, Antonio. “Dialética apaixonada”. In: *Recortes*. São Paulo, 2004, p. 89-95. (Publicado originalmente em *Leia Livros* (11) 13. São Paulo, 1979, p. 8-9)
- \_\_\_\_\_. “Leidenschaftliche Dialektik”. In: *Literatur und Gesellschaft*. Org. por Ligia Chiappini. Aus dem Portugiesischen von Marcel Vejmelka. Frankfurt am Main: Vervuert Verlag, 2005, p. 39-44.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959.
- \_\_\_\_\_. Dialética da literatura brasileira. In: FURTADO, Celso. *Brasil: tempos modernos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968, p. 157-184.
- \_\_\_\_\_. Dialektik der brasilianischen Literatur. In: FURTADO, Celso. *Brasilien Heute*, Athenaeum Verlag, 1971, do francês, *Temps Modernes*, 1967, também publicado no Brasil: *Tempos modernos*, Rio de Janeiro Paz e Terra, 1968, p. 119-128.
- \_\_\_\_\_. *Reflexo e realidade*. Ensaios. Rio de Janeiro: Fontana, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Ensaios reunidos- 1942-1978*. VoL I. Rio de Janeiro: Topbooks, UniverCidade, 1999. (Org. e introdução de Olavo de Carvalho)
- \_\_\_\_\_. *Ensaios reunidos -1946-1971*. VoL 11. Rio de Janeiro: Topbooks, UniverCidade, 2005. (Org. e introdução de Olavo de Carvalho)
- \_\_\_\_\_. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. (Nova com um apêndice de Assis Brasil, incluindo 47 novos escritores). Rio de Janeiro, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Sobre letras e artes* (Org. de Alfredo Bosi). São Paulo: Nova Alexandria, 1992.
- CARVALHAL, Tânia Franco. A intermediação da memória: Otto Maria Carpeaux. In: *II Congresso Abralic - Literatura e Memória Cultural*. Belo Horizonte, 1990, p. 85-95.
- KESTLER, Izabela Maria. *Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien*. Frankfurt am Main: Lang, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O exílio no paraíso perdido*. Intelectuais da fala alemã no Brasil In: *Veredas*. Rio de Janeiro, abril 2001, p. 12-17.
- MALHEIROS, Maria do Carmo Fleury. *Um diálogo crítico: Otto Maria Carpeaux e as ciências do espírito*. São Paulo, USP, 1992 (Dissertação de Mestrado).

MOREIRA, Marcos. Um judeu no vaticano. In: *Veredas*, março 2000, Rio de Janeiro, pp. 16-19.

VEJMEŁKA, Marcel. Dialektik der brasilianischen Literatur-kulturelle Aneignung und Vermittlung bei Otto Maria Carpeaux. In: *Martius-Staden-Jahrbuch*, n° 53 (Orgs. Rainer Domschke, Eckhard E. Kupfer, Renata S. G. Kutschat, Martina Merklinger, Joachim Tieman) 2006, p. 265-284.

\_\_\_\_\_. Annäherungen an die brasilianische Kultur: Anatol Rosenfelds frühe Beiträge zu den Staden-Jahrbüchern 1954-56. In: DOMSCHKE, Rainer et. al. (Org.). *Martius-Staden-Jahrbuch*, 2007, n° 54, p. 79-102.